



Filosofia da Educação e Infância: em busca de potências descolonizadoras III.

Julia Smidt Oliveira*, Silvio Donizetti de Oliveira Gallo.

Resumo:

Esta pesquisa buscou elementos da pedagogia por uma perspectiva descolonizadora e libertária por meio da História da Educação e da Filosofia da Educação, partindo inicialmente da compreensão do processo da conformação da educação moderna seguida de investigações para uma descolonização da infância a partir do pensamento contemporâneo do filósofo francês René Schérer.

Palavras-chave: *Infância, Filosofia da Educação, Descolonização.*

Introdução:

René Schérer nasceu em 25 de novembro de 1922, em Tulle, França. Professor da Universidade de Paris 8 desde 1969, publicou diversos livros, no entanto, os únicos traduzidos no Brasil são *Enfantines* (2002), publicado pela editora Autêntica em 2009 com o título “Infantis”; e *Co-ire: album systématique de l'enfance* (1976), de René Schérer e Guy Hocquenghem, que está traduzido na tese de doutorado *A cruzada das crianças: constelações da infância à penumbra* de Eder Amaral e Silva, pela UERJ.

Segundo Schérer, a pedagogia moderna é marcada por um “dispositivo pedagógico” que infantiliza a infância, condicionando sua tutela. Ele vai chamar a pedagogização da infância de perversão pedagógica, indicando um outro caminho para pensar a infância, o de uma “infância maior”. Para isso, é necessário romper com a lógica da falta, presente na noção de *infans* enquanto “pessoa de pouca idade que não fala” (*in + fari*), como justificativa de sua exclusão da história e da sociedade.

Acompanhada pela falta da fala, a infância também é representada pela educação moderna com uma falta da sexualidade ou como um sexo neutro. Por isso, Schérer também indicou que ignorar a sexualidade da criança é uma das práticas de infantilizar e tem uma intenção de pedagogizar o corpo. Esse controle sobre o corpo infantil é a primeira perversão da infância pela escola.

Dessa forma, a crítica aqui realizada é sobre a condição de objeto que a infância ocupa no pensamento moderno criado pelos adultos. Schérer, inspirado no pensamento de Charles Fourier,

propõe um outro movimento do adulto em relação à criança, o de “ir junto”. Nesse caminhar junto, o reconhecimento do desejo infantil é fundamental, afirmando uma “infância maior”.

Fourier pensa que a estrutura familiar é o que garante a conservação da sociedade capitalista e burguesa, sendo que ele propõe uma outra concepção de sociedade, a Harmonia, na qual as pessoas se associam umas com as outras independente de laços familiares. A família reforça a tutela sobre a infância; sem o núcleo familiar seria mais fácil pensar uma “infância maior”, não tutelada...

Resultados e Discussões:

A partir de um levantamento na plataforma de periódicos da CAPES¹ por meio da ferramenta “Busca avançada” foi possível selecionar em qualquer campo (título, assunto, autor) as palavras “descolonização” e “infância” e a data de publicação para os últimos 10 anos. O resultado da busca inicial apresentou documentos que abordam a infância enquanto parte da descrição da vida cronológica de pensadores, de cunho biográfico, e documentos que abordavam a descolonização como processo histórico entre as nações que foram desconsiderados.

Apenas 13 documentos foram selecionados, 7 são de abordagens decoloniais/pós- coloniais, 3 da perspectiva do feminismo interseccional sobre infância e descolonização, 2 se aproximam da sociologia das infâncias e 1 sobre filosofia com crianças. A partir dessa pesquisa foi possível elucidar que o tema “descolonização da infância” não parte de uma única perspectiva. Todas as publicações selecionadas se aproximam por esse tema geral, ao mesmo tempo que se divergem em tantos outros aspectos. Os resultados encontrados evidenciam que ainda há caminhos a serem percorridos para pensar uma educação descolonizadora no Brasil.

O presente trabalho parte do pensamento de René Schérer que apresenta uma outra direção para as infâncias e sua educação, direção esta pouco ou nada explorada na produção brasileira nos últimos dez anos, como evidenciado pela busca realizada.

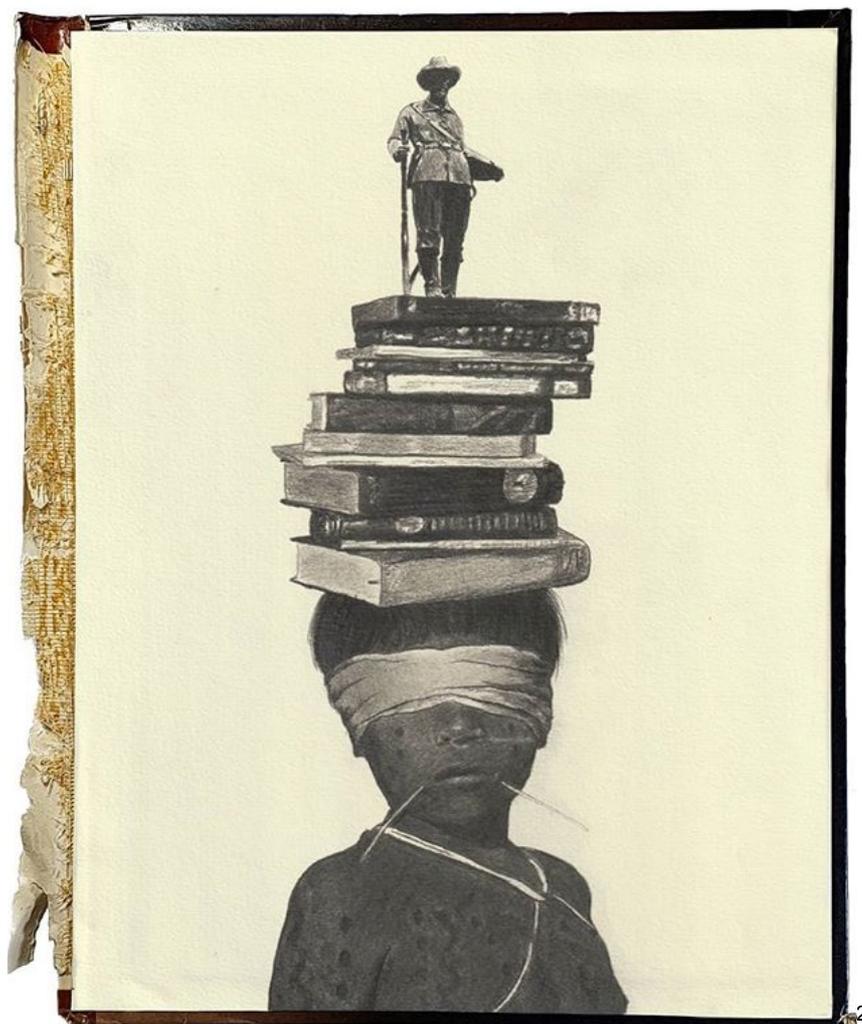
Por meio de leituras analíticas das obras, Schérer sugere um pensar da infância no lugar da "maioridade dos menores" e propõe refletir sobre o papel ocupado pelos adultos nesse caminho que leve à emancipação e à autonomia infantil. Isso significa pensar uma infância outra, maior, emancipada e infantil (mas não infantilizada) como ele próprio defende. Olhar novamente a infância, repensando as posições de oposição entre maior(adulto) e menor(criança) estabelecidas, de uma infância reconhecida pela incapacidade sexual, incapacidade para trabalhar e incapacidade política, no fim, são esses os papéis que a diferenciam da vida adulta. (BRITO; GIL; SCHÉREER, 2011)

¹ Disponível em: <http://www.periodicos.capes.gov.br>

Como resposta, o conceito de *Devir-criança*, de Deleuze e Guattari e apropriado por Schérer, indica um movimento sem fim de olhar. O devir-criança é o que liga adultos e crianças em uma experiência que não pode ser pedagogizada.

Ao mesmo tempo, os adultos encaram alguns aspectos da infância como um fantasma, como a sua sexualidade. Como essa sexualidade está associada apenas à reprodução, não cabe à criança a função de maternidade/paternidade ou de um matrimônio, o que, para essa ideia de sexualidade, torna inútil tais órgãos da criança; a partir do momento em que se ignora, fica evidente a demarcação do território adulto isolado da criança.

A imagem a seguir é uma ilustração do artista brasileiro Hal Wildson, uma de seu projeto sobre colonização da memória, apontando que a educação contribui para uma estrutura de opressões. Ela se relaciona com a maneira como Schérer problematiza a concepção civilizada branca apresentada por alguns pedagogos europeus, em como relativizam a identidade pessoal ao mesmo tempo que espelham suas bases culturais na formação. Para isso, cita Erickson, em *Infancia y Sociedad*, sobre as sociedades indígenas submetidas ao aculturamento branco. Esse processo de civilização é também em relação à sexualidade no controle dos corpos e na marginalização do desejo. Infantilizam os indígenas como infantilizam as crianças.



² Imagem retirada de:< <https://www.instagram.com/p/CDbXKawJHlj/>>

Conclusões:

A sexualidade do ideal burguês segue a direção da relação heterossexual reduzida ao papel biológico-social do adulto, ou seja, reproduzir. Reimut Reiche em *Sexualidade e Luta de Classes* indica a origem direta da infantilização das condutas adultas (cf. SCHÉRER, 1983) para manutenção das estruturas fundamentais tradicionais, em especial a família.

A família e a escola têm um papel crucial de reconhecimento da infância e se faz pelo conhecido, deslegitimando o desconhecido. A imagem pedagógica e familiar é aquela de uma infância disposta à ignorância, à subserviência, à tutela e ao crescimento. Por isso, pensar uma relação da infância que supere a institucionalidade é urgente.

O "aluno" se configura na renúncia de qualquer desejo e a escola atua no "silêncio das paixões", criando assim uma condição ideal que vai conduzir a criança até a idade adulta - tornando-se um ciclo vicioso entre a região nebulosa que rodeia o desejo do educador e a educação das crianças.

Agradecimentos:

Agradeço ao professor Dr. Silvio Gallo pela orientação e confiança. Ao CNPQ pelo auxílio financeiro. Agradeço também à Faculdade de Educação pelas experiências.

Bibliografia:

AMARAL E SILVA, Eder. *A cruzada das crianças: constelações da infância à penumbra*. Seguida da tradução para o português de "Co-ire: album systématique de l'enfance" de René Schérer e Guy Hocquenghem, 1976. Tese (Doutorado em Psicologia Social). Rio de Janeiro: UERJ, 2016.

BRITO, Vanessa; GIL, José; SHÉRER, René. *Devir-criança: devir-maior ou devir-menor. Conversa com René Schérer*. Lisboa: 2011.

SCHÉRER, René. *La pedagogía pervertida*. Barcelona: Laertes, 1983.